



SUPLEMENTO
ACRE

//edição dezesseis
ouro preto – mg



editorial recorte

Esmagou-se entre as esperanças, num delírio de ser a sua própria obra. Agora, entre as nuvens faz a outra festa, a festa que não precisa carregar essa gente que sempre se detesta, mas faz que não, e basta beber uns goles e todo mundo se abraça, ou se abraça.

Poesia, é isso, e mais o resto do mundo, é o caco de vidro do muro que a gente coloca aquele papelão pra facilitar o salto.

Esse pseudo-editorial é uma obvia homenagem ao Cairo Trindade, e a toda sua sensibilidade para com tudo que estava a sua volta.

Um dia nos encontraremos novamente, só falta a minha partida. Minha coragem de partir.



SUPLEMENTO
ACRE

//edição dezesseis
ouro preto - mg

a praça é do povo
menos o palanque
e o microfone
Cairo Trindade

SUPLEMENTO ACRE

novembro | dezembro 2019 – OP_MG

edição dezeseis

tiragem infinita

vários colaboradores

capa em stencil por: @romulopherreira

revisão: Eduardo Sacramento

edição e finalização: f/studiob2mr

organização: Editora AMEOPHEMA

ameopoemaeditora@gmail.com

fb.com/ameopoema

**“Já se organizaram em coletivos?
Não esperem mais. Ocupem as terras!
Organizem-se de forma que não haja
chefes nem parasitas entre vocês.
Se não o fizerem, é inútil que
continuemos avançando.
Precisamos criar um mundo novo.
Diferente do que estamos destruindo”**

*Buenaventura Durruti (1896 - 1936)
Anarquista espanhol*

nesta edição



***Buenaventura Durruti || Brion Gysin || Flávio Louzas ||
Elidiomar Ribeiro da Silva || Florêncio Antônio Lopes ||
Livia Uchôa || Valdeí Oliveira (poeta seu Zé) || Eduardo
Sacramento || DiMelo || Marina Correia dos Reis Cleto ||
Raí Prado Morgado || Isabela Saramago || Tauã Lima
Verdan Rangel || Gilda Nogueira || Antônio José ||
Marca da Fantasia || Revista Arara || Rômulo Ferreira ||
Dy Eiterer || Felipe Leal || Matheus Antonio || Marcos
Zhero || Eduardo Moura || Ropre Cunha || Nelson Neto
Livraria Outras Palavras || Ana Maria Fonseca ||
ameopoema || e muito mais***



facebook.com/ameopoema
ameopoemaeditora@gmail.com

editora artesanal
AMEOPEMA

Bmr
studio gráfico
facebook.com/studiob2mr

A TAMBA

Prólogo

Livia Uchôa
liviamsu@gmail.com

Paisagem deslumbrante de montanhas verdes sob uma neblina de amanhecer. Uma cachoeira corta a paisagem, com um correr bonito de água doce e branca. Como um meteorito rasgando o céu, um pontinho negro no horizonte se desloca em queda livre. Se escuta um grito abafado ao longe que vai crescendo, crescendo, até cair chocando com a água fria de uma piscina natural.

Isso aí sou eu. Você ainda não me conhece, nem eu ainda me conheço. Essa é a primeira imagem de mim mesma que eu tenho: submersa na água, quase me afogando. Cachoeira, meu líquido amniótico. Eu estava prestes a nascer. Estou ali, quase afogada, soltando bolhas de ar na água transparente. No fundo, muito fundo. Profundo rio. Depois, como eu consegui voltar pra superfície, não sei. Na minha cabeça, soam sinos, gongos, gôndolas, tambores. Um lamento. Deve ter sido a correnteza da água que me levou até à pedra pra desmaiar e não saber mais de mim.

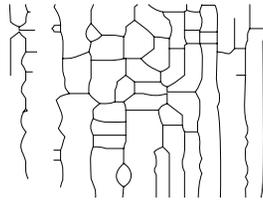
Crianças brincando na beira do rio me acham e dizem meu nome: Naíma. Eu não ouvi. Naíma é o nome de um jazz melancólico e significa alegria. Eu não estava acordada pra escutar. Eu não consegui mais acordar por uns dias. As curandeiras me enrolaram em ervas loucas. Meu corpo, nu, coberto de mata molhada. Bebi a Tamba, inalei sua fumaça. Dancei em seu ritual: "lá lá lá lá lálálá". Tudo que sei sobre mim foi porque alguém me contou. Eu sempre duvido. Nunca sei o que é verdade. O que é que é mesmo a verdade? Todos parecem querer me ajudar a voltar à mim. Eu só sei seguir minha intuição. O mundo fica estranho quando a gente perde a memória.

...continua na próxima edição

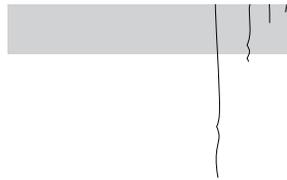
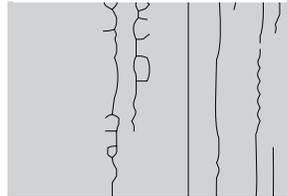


PBMG

Flávio Louzas Rocha
fb/atelieteatral
fravimlouzas@hotmail.com



Pele, electricidade, Estrela super-nova a incandescer, sussurros, gemidos, gritos de silêncio, certeza de quem só tem como alternativa o êxtase, Real entrega da lealdade efêmera de sorver o outro em desespero até o climax, riso de quem goza, energia a transparecer toda a verdade, verdade essa, que deusa que és sou eu mero brinquedo.



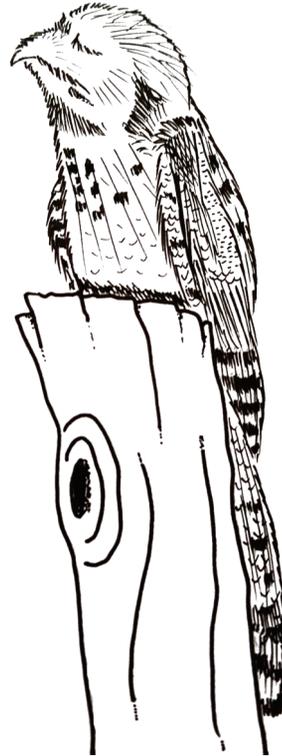
Nelson Neto
fb/nelsonnetopoemaseilustracoes

Das doenças de minha carcaça
transpiro ardores
Minha alma me desobedeça!:
Se deito ela
aguenta
Levanta e infla
inflama e eu tremo
enquanto ela me acalanta
O tempo esquenta
Amor do inconstante - Só lapada
Solavancos - meus mundos acabados
escorados em meus enganos
Barranco barroco:
Barraca em que acampo
Falésia flácida sombreando as memórias
esboça em minhas costas praias soturnas
Noturnas miragens de amores brutais
Eu quis
Paraíba e Minas Gerais
(Não quero mais)
A paz me adoce e me bota de molho
Minha guerra é manter no olhar o brilho
do fim do túnel sou o farol
de um trem que vem
sem trilho

CAPRIMULGIFORMES

Elidiomar Ribeiro da Silva
elidiomar@gmail.com

Mãe da lua, urutau
Curiango, bacurau
Pia à noite sem igual
Todos pensam que é mau
Mau é o homem, ser venal
Onde pisa, brota o mal
Caça, pesca, o escambau
Mata a mata do bacurau



CAMINHO

Tenho caminhado pelo mundo
E como tenho aprendido
O bem e o mal
Acertado ou errado estou caminhando
Mas não desanimo de caminhar
Sempre seguindo um rumo
Porque eu sei que a vida ensina
Que não devemos desanimar
Caminhando ao dia e descansando a noite
Mas sempre procurando o verdadeiro rumo
E sempre penso todos os dias é um começo
E assim ao fim do dia agradeço
Sempre em minha mente
Vou caminhando , hoje tenho um destino
Já não tenho medo do meu caminho
Meus passos são firmes caminho para o amor.

Autor: Florêncio Antônio Lopes

E:mail: ana@skycomunicacao.jor.br

Telefone: 16 99322-8972

Endereço: Rua Eduardo Prado, 720,

CEP 14.050.480, Vila Tibério, Ribeirão Preto-SP

REBELDIA

Se me proíbe de amar,
Me faço orgia.
Se me impõe o teu Deus,
Me faço heresia.
Se me proíbe de falar,
Me faço gritaria.
Se me impõe o teu padrão
Me faço rebeldia.
Se me proíbe de pensar
Me faço ideologia.
Se me proíbe por proibir,
Derrubo sua tirania.
Vandei Oliveira (poeta seu Zé)

Vandei Oliveira (poeta Seu Zé)

facebook.com/poetaseuze

11-95130-1480

Rua Félix romanos, 456

08675-280 - Suzano/SP

Os arteiros quando papeiam prestam atenção aos seus interlocutores. E foi numa dessas conversas que esta coluna foi agraciada com a referência ao personagem desta edição. PAPO DE ARTEIRO inaugura neste número uma intertextualidade com o campo da música conversando com o cantor e compositor DI MELO. Pernambucano radicado em SP, sua swingueira também é ouvida mundo afora. Atualmente, os ouvidos mais atentos estão pirando no seu soul que resistiu ao mau gosto, quase sempre privilegiado nas últimas décadas, devido ao vigor de sua bossa e letras que combinam verve e sabedoria em doses certas.

PAPO DE ARTEIRO

por *Eduardo Sacramento*
sacramento.eduardo74@yahoo.com

PAPO DE ARTEIRO: Considerando que suas canções também falam dos problemas nacionais, se servem dos instrumentos musicais e ritmos colados a nossa tradição cultural e que os algoritmos da inteligência artificial misturam a sua obra com Benjor, Novos Baianos, Cartola, Sérgio Sampaio, Melodia e etc, você se considera parte de uma linha evolutiva da música popular brasileira?

DI MELO: Há uma preocupação em fazer um trabalho que perdure, que em qualquer momento da história seja válido em si. Em suma, um trabalho digno de bom gosto, estímulo e estilo, ou seja, atemporal. Independente de qualquer interdependência, haja vista que na vida nunca nada é igual mesmo a termo comparativo. Cada caso é um caso específico. Todos possuem o seu real valor.

PA: Já que o seu trabalho tem inspirado produtores da linguagem artística audiovisual e que você já adquiriu grande intimidade com o fazer do artista plástico, em que medida as letras que você compõe conversam com o universo da poesia?



DM: No caminho das várias artes nos valem da sensibilidade, criatividade, inventividade, subjetividade e seus haveres. Entre forma e sobre norma da comunicabilidade, estrito senso. Como diria Baluim de Baluim: “Pra ver é preciso olhar e o pavê já é uma questão de se saborear”. Em outras palavras me sinto honrado, inspirado, enaltecido por assim dizer, e que assim seja. Pessoas sensíveis sempre emocionam e fascinam e o gostar não se explica simplesmente se aplica.

PA: Perdoe-me o cacoete patológico da humanidade de querer saber o que se passa na cabeça de um autor, mas você se dirigia a um tipo específico de persona em “Pernalonga”? E “Indecisão”? Seria um desencorajamento ao diletantismo na relação com as artes?

DM: Essa música “Pernalonga”; foi feita na época do Jogra - uma casa noturna das melhores de São Paulo - década dos anos 80, fase que quem subisse no palco teria que superar quem desceu e só havia gênios introspectos.

O Papete era o diretor musical e, como brigávamos muito, eu decidi que na noite específica eu não trabalharia e me dei folga propositada. Fui ao cinema, assisti ao filme Blow Up, e tive a inspiração momentânea. Quanto à música “Indecisão”, é composição do meu amigo já falecido Lauro Terra - “Terrinha” - a qual eu emprestei apenas-mente a interpretação. Fui muito feliz, aliás.

PA: Sabendo que a indústria cultural tem por métodos abortar aprioristicamente a criatividade e tentar condenar os dissidentes à morte em vida, o que “O imorrível” pode ensinar aos nossos leitores sobre a vida eterna?

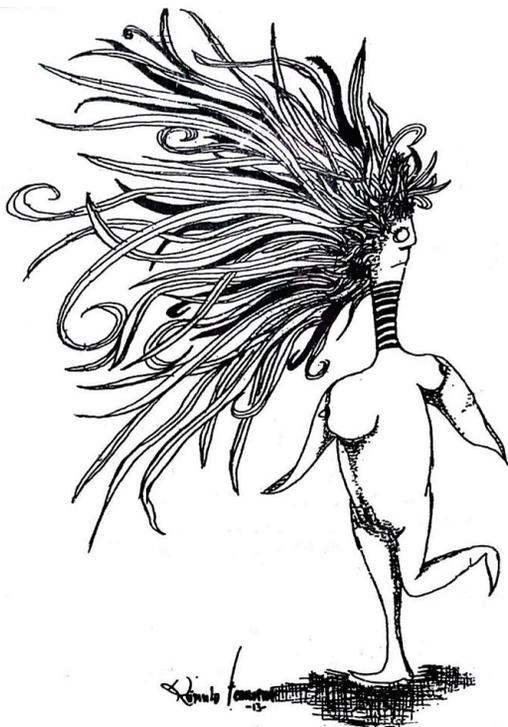
DM: Para o Imorrível, nada é imodível. Esse termo criado é advindo de um boato de que eu havia morrido. Como não fui avisado do fato, decidimos por bem criar o documentário DI MELO O IMORRÍVEL. Como a brincadeira deu certo e ganhamos Kikito em Gramado e mais outros dez prêmios, por que não fazer também o Disco Imorrível? Foi uma glória e em quinze dias de lançamento já estava na revista Rolling Stones entre os quinze discos melhores do ano. Quanta honra, quanta glória! Detalhe, fui eu quem quis sair de cena por não concordar em absoluto com os acontecimentos da época e, por tanto, decidi desfazer meu contrato com a EMI ODEON por uma série de aborrecimentos, principalmente com a editora. É notório que quando você persegue determinada coisa, tendo a ver, mesmo que você se desligue, essa tal coisa passe a lhe perseguir superando qualquer intempérie. Ei-lo que surge. Devo muito aos djs do mundo, jornalistas, rádios, TVs e ao público maravilíndrico que me apoia, inspira e aplaude. Louvado seja Deus, os seus anjos e seus Santos.



Rai Prado Morgado
sobosilencio@gmail.com
facebook.com/sobosilencio

*eu sempre danço
mas me falta o ritmo*

o amor é sobretudo como a vida que, mesmo sem sabermos como surge,
nos deixa conhecer sua base.
uma planta carnívora reage a um inseto e explica a ordem própria do que é finito:
a dor de entender que, para se manter a vida, da morte é preciso:
a cadeia alimentar, como o amor, é sobretudo um ciclo.
há semanas só dormem depois de o último bar expulsar os bêbados:
há meses não lembro de você comigo.
sempre me esqueço cedo
de um rosto que não vejo insípido.
dizem que sou como um peixe, mas prefiro caranguejos
justamente por andarem de lado
como se entrelaçassem as pernas.
dizem que pareço brisa, mas prefiro os ventos:
pois três séculos é pouco tempo para que se abra uma caverna.



ANGÚSTIAS E ESPERANÇAS

Perder e aprender é só mais um sonho na navalha.
Levantar e sorrir é mais um dia de batalha.
Vencer e ver grandes certezas que o vento leva,
Lembranças que o tempo não apaga.
Tatuagens de pensamentos cicatrizes de emoções.
Caminhar sozinha sobre pedras e brasas.
Sobre cabeças e almas, caráteres e corações.
Se agarrar à árduas esperanças.
Se afogar em lágrimas como criança.
Na minha vida algo se quebrou.
No meu reflexo alguma coisa mudou.
No meu íntimo você acabou.
Gestos e toques que se perdem sem esperar.
Quanto tempo isso vai durar?
Tempo em que o tempo tem pressa de passar.
Pressa que me arrasta pressa que não me deixa respirar.
Chego a sufocar com tanta solidão,
Mas acredito tudo está sujeito à mutação.

Marina Correia dos Reis Cleto

e-mail: marinacleto@hotmail.com

Endereço: Av. Gustavo Paiva, n. 6130,

bairro de Cruz das Almas

Maceió-Al, CEP: 57.038-000.

Telefone: +39 3887244362

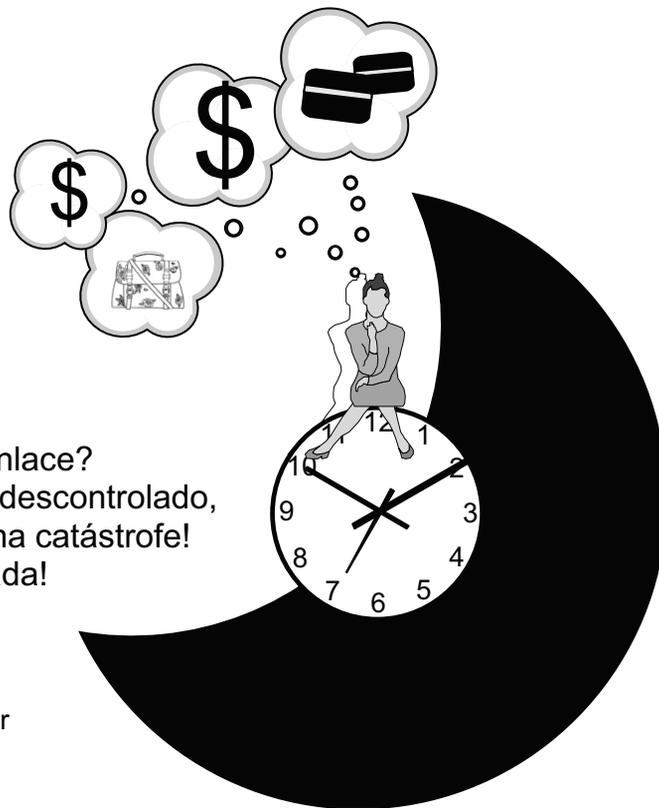
RESISTÊNCIA

Estou prostrada
no tempo
perdendo a força
de lutar a tempo.

Todo dia
gasto euforia.
Em toda ação
perco a fração.

Por onde anda o desenlace?
... o dinheiro escasso, descontrolado,
As taxas vencendo, uma catástrofe!
Fatigada estou, ultrajada!

Por: **Isabela Saramago**
isaramago@terra.com.br



Eu renovo
Inovo de novo
Esse ovo

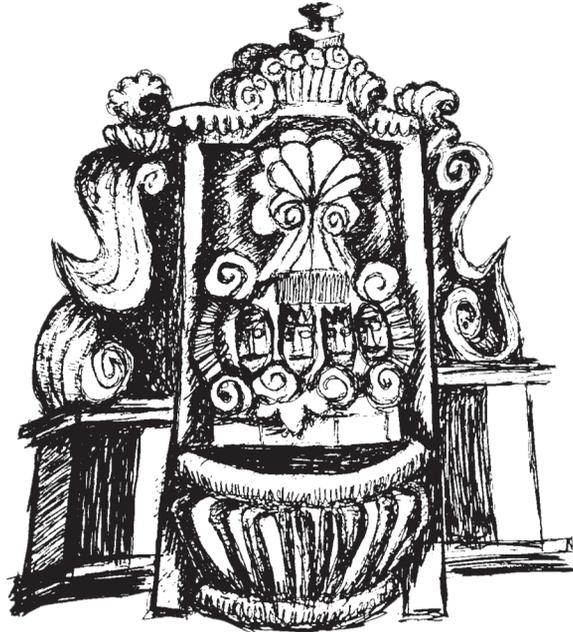
De lugar
Quero largar
Mas num posso

O peso
Do tempo
Sigo o passo

Olho e tudo que eu
Queria era ser uma gota
Tudo que eu queria
Era ser um córrego

E escorregar pelas paredes
Não ser presa na rede
De pedra Sabão
Do brasão dessa fonte
Eu quero ser ponte
Afronte
Extravasas
Pelas bicas

E lavar as roupas
Saciar as bocas

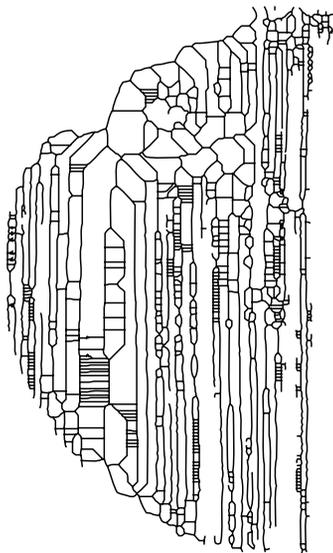


poema: **Ana Maria Fonseca**
@aiamariama

ilustração: **Gilda Nogueira**
facebook.com/gilda.nogueira

LUTO DIÁRIO

Caminho ofegante e compassadamente
As ruas estão cheias, apinhadas de gente
Olhos vazios procuram algo na imensidão
Não há sentimentos, não há compaixão



Os caminhantes são frios, são indiferentes
Não se sensibilizam com as dores da gente
Com menosprezo, continuam as caminhadas
Sem qualquer ternura em gélicas passadas

Na calçada cinzenta e suja, está tombada
Mais uma vida preciosa perdida, fatigada
Entrega contínua em busca de um perdão

É um luto diário a perda da humanidade
Seremos indiferentes, sem solidariedade
Está, ali, tombada entre detritos ao chão

Tauã Lima Verdán Rangel
tauã_verdan2@hotmail.com

antonio José
antonioj@uerj.br

EMPESSEGAMENTO

a reunião no sindicato ia bem, eu ia opinar tb, todos os palestrantes nos congratularam com suas palavras judiciosas, memorável, representantes d todos os segmentos populares, ou quase todos, ñ há d se querer q tudo seja perfeito.. chegou então, motivo d júbilo, a vez dos espectadores da palestra "fora bolsonaro", e eu tinha dado meu nome na lista pra falar. \ - antonio. ao microfone, p favor. - lá fui.

- bem, levando-c em cta q jair bolsonaro, como o sr disse - e aponte com o queixo para o representante da teologia da libertação. ele sorriu - q ele ALCUNHA.. disse a palavra alcunha e fiquei sorvendo o efeito no ar - -.. q ele ALCUNHA - repeti - os q ocupam propriedades d terroristas, deve-c entender q ele quer, com isso, q os q ocupam sejam enquadrados nesse crime.. mas ñ é pq se chama alguém d alguma coisa, q essa pessoa se torna aquilo d q a chamamos!..

- é claro q ñ - disse compreensivo o clérigo.

- então - continuei, limpando a garganta -, há q se somar a isso o fato d q o presidente é negacionista; há q se entender q, creio, 1 pedido d impeachment deve se fundamentar em alguma coisa..

- muito bem!, gritaram da galeria,

-.. e q pode, SIM - falei o SIM com bastante ênfase -, se basear nisso, no fato dele negar aspectos históricos terríveis como se ñ tivessem realmente acontecido, exceto q.. criei 1 ar d mistério.

- .. exceto q jair bolsonaro dá mostras d esquizofrenia, em seu entender das ocupações - e aponte para o clérigo, q sorriu compassivo - e em outras falas suas, todas sabem quais são, E..

fiz q tomava ar.

- e a coisa do negacionismo, mesmo sendo crime previsto em lei.. há q se entender q são considerações d 1 esquizofrênico, variantes dessa primeira consideração q tracei.. d forma q ñ ele poderia exercer atividades várias da vida civil, mormente ser presidente da república!! continuei:

- ñ tanto a esquizofrenia p si mesma, mas pelas consequências.. há.. (tento dar uma d engraçado) q podem disso advir, na personalidade do presidente.

- P Q VOCÉ FALOU ISSO???

o representante do mov chavista ergueu-c d súbito e veio em minha direção, massa humana, e fez isso ñ só d repente como rápido! decidi ficar em meu lugar, ñ tinha motivos para correr se eu tinha dito "amigo"; para o prof astrogildo, centroavante do time d pelada; ficou na metade do caminho, porém, comigo logo à frente dele; pq parado em seu caminho p 1 homem franzino: como ergueu-c d súbito, assim tb parou. o padredo ria, todos na mesa diretora mantiveram-c impassíveis, e eu disse; - q teatrinho!

parceiros



Arara



“Arara” é uma revista virtual que privilegia a experiência artístico-literária em suas diferentes manifestações e linguagens oferecendo um portal abrangente para troca e experimentação da nossa produção contemporânea.

Queremos aproveitar o potencial para a circulação das vivências artísticas e práticas sociais da arte oferecido pela internet para ampli(fic)ar a percepção, visibilidade e acesso às práticas culturais atuais, tanto nos centros como nas periferias.

Dividida nas seções - Leia, Ouça, Participe – a Arara oferece acesso à produção literária, musical e à cobertura de eventos culturais brasileiros com destaque especial às produções latino-americanas e africanas.

Temos também o Fanzine, aberto à participação de escritores e artistas multilinguagem, que ficará disponível online e em pdf.

Recebemos as mais variadas contribuições e aceitamos indicação de trabalhos autorais em diferentes tipos de linguagem artística e mídias. Privilegiamos textos, vídeos e/ou áudios breves em português e/ou espanhol

www.arararevista.com

A Marca de Fantasia é uma editora independente dedicada às Histórias em Quadrinhos, Artes, Comunicação, Linguística e à Cultura Pop (expressões da Indústria Cultural, como séries televisivas, ficção científica, rádio, música popular etc.). Criada em 1995 por Henrique Magalhães, a editora é o resultado de sua experiência com a edição de revistas e fanzines, além de estudos acadêmicos. Faz parte desse histórico desde a década de 1970 a publicação de vários números da revista em quadrinhos Maria, dos fanzines Marca de Fantasia e Nhô-Quim, e a realização de Mestrado na USP, São Paulo e Doutorado na Université Paris 7, na França, sobre o universo dos fanzines.

Desde sua fundação a Marca de Fantasia constituiu-se numa atividade do Grupo Artesanal – entidade sem fins lucrativos sediada em João Pessoa –, e como projeto de extensão do Departamento de Comunicação da UFPB. Em 2008 a editora migrou para o Programa de Pós-Graduação em Comunicação dessa Universidade, onde vem contribuindo com sua produção editorial.

www.marcadefantasia.com

Penduro quadros pelo corpo da casa enquanto
o sol vem calar meus grilos ...
Eu ficava puto, mentira;
Ficava nada... Era só carência.

Desprendo as portas emperradas dentro de mim
deixo o sol queimar meu teto o tempo corre pelo
corredor e na cama o sereno se desfaz.

É que sei que o céu vai cair no dia certo sobre
nossas cabeças e poderemos descrever o tempo
que ficamos sabendo que a espera é uma
vontade que congela a gente por dentro
num tom azul que se derrete no tempo.

Espalho sinais pela estrada tenho mania de ver
os passos que deixei na ida só pra saber se
estou voltando mesmo para mesmo lugar de
onde parti.

Participo do dia
dia a dia escolho o som da voz que me
ensinará algo novo.

Precisamos nos esconder no meio
do nosso abraço.
Precisamos nos prender nos terrenos da alma

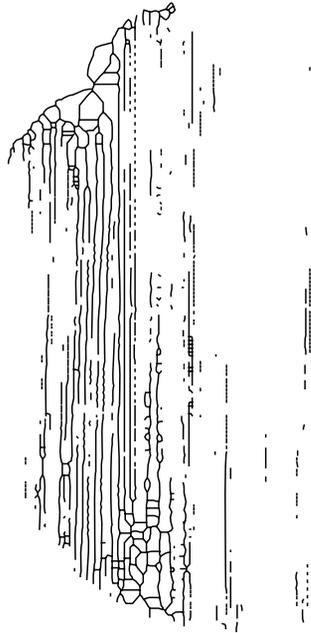
Só assim seremos
o que tanto andamos planejando
com os olhos fechados.

2 POEMAS

Rômulo Ferreira
[facebook.com/silhuetaartzine](https://www.facebook.com/silhuetaartzine)

Não existe linha ou limite
O fim cabe na entrada das casas
No elevador, numa serenata.
Não existe fim entre as ruas
Elas se cabem
distráidas entre passeios
E corridas...
Entre carros e assaltos.
Não mirei no fim
apenas fiquei parado
No poste
Aguardando o ódio passar
Olhando quem entra e sai
Da rua que escolhi para minha memória

Ofertório



Será, então, quando meu corpo-dia
Estiver cansado ou aflito,
Carente de pouso ou alegria,
Que verei em ti meu lugar bendito.
Serás para mim como a noite:
Um as mãos e uns braços envolventes,
Alívio para alma, abandono do açoite
Que me para nas costas quando de ti fico abstinente.
Serás o peito no qual me entrego
Tal qual altar dos deuses,
Tal qual imensidão em que navego,
Sem medir quantos esforços nem contar as vezes
Pelas quais me perdi e me achei,
E me despi e me acolheste,
Guardando-me como joia de um rei,
Convertendo meus vermelhos ímpetos em calma celeste.
Serás, então, minha hora preferida,
A de completas poesias e cumplicidades,
A que recebo teus olhares, desinibida,
E te ofereço minhas vontades.

Dy Eiterer

Instagram: @dyeiterer / @dyvagando

Facebook: Dy Eiterer / Dyvagando

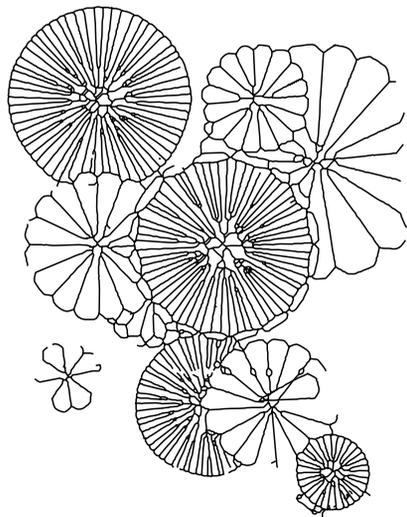
Blog: Dyvagando – www.dyeiterer.blogspot.com.br

CENA PRAIANA

Felipe Leal Almeida Resende

felipe_la2@hotmail.com

Ilustrar-ação: Rômulo Ferreira



abro a boca e já

já estando a sós com uma palavra
invasora e curvilínea
estando arreganhado eu
coloco-me boquiaberto para receber o sol

de longe tu um rasante
tu a cor amarela
dissolvendo em espumas
uma translação

sei adormecer em horizonte
estar ritualisticamente assim
– na minha homossexualidade
o acontecimento primeiro foi a violação

tu me pões em corpo hermeticamente
selado
mas ainda cor e linhas
eu

espreguiço e (faz sol)
uma boca em flor
em copo de leite para receber-te sozinho
tu com a tua palavra à praia
no sol

Je suis le Seigneur du Château

Eu Sou O Senhor do Castelo

Se as coisas não estiverem andando da forma como você planejou, simule um desmaio. Até o pior passar, não se mova para não ser descoberto. Tá calor demais, não comi direito hoje, os mosquitos me incomodam, já andamos muito, estou com sede, temos pouca água, estou cansado, devíamos ter voltado daquele ponto em que ainda sabíamos como retornar - frases que sempre funcionam ao preceder o ápice da cena.

Viver é atuar. E atuar, vezenquando, significa não ter fala nem gesto - fingir-se de morto. Vezenquando o silêncio, a ausência, dizem muito, dizem mais que grito. E, se não dizem, é porque não há nada mesmo a ser dito.

Quando "acordar", 'cê vai ver: tudo estará melhor, quase resolvido.

...Nada mais mesmo a ser dito

Matheus Antonio

sempalavras100@yahoo.com.br

<http://junkiesvilipendiados.blogspot.com/>

imagem. *Je suis le Seigneur du Château*, de Régis Wargnier, França, 1989



Hoje é domingo e o sol da manhã fermenta o mijo de sábado à noite nas vielas coloniais brasileiras. Na semana que se inicia uma barragem vai se romper e arrasar a cidade mineira de Barão de Cocais. O sertanejo universitário é a maior expressão artística genuinamente brasileira dos últimos trinta anos. É a que melhor retrata a essência do povo brasileiro.

Hoje é domingo e há quem esteja na rua comemorando.

Eduardo Moura

<https://www.facebook.com/lbretudo>



REGRAS DAS CINCO:

a e i o u
antes de responder a qualquer tipo de pergunta...
pense qual vogal seria mais precisa para a resposta.
pode ser qualquer uma das cinco,
a depender da pergunta:

A aaaaaa

E eeeee

IIIIIIIIIIIIIIIIIIII

OOO

Uuuuu

Marcos Zhero.

é o alter eGo do Marcos H. Lucena

marcoslucena@gmail.com

31 9 8844 7163



texto e quadro:

Ropre Alessandra Cunha

<https://www.facebook.com/RopreArtes/>

Quão irreal é o período em que vivemos. Porém, também, tão real que choca e comove a cada instante. Muitos “ismo” sobre uma população que mal consegue se sustentar dentro da política neoliberal sanguessuga. Sem fugir ao seu costume, há criação de pinturas contemporâneas engajadas. Sobre qual território podemos falar em imagens? Território da arte invadido por políticos que visam se autopromover censurando a liberdade dos artistas? Territórios invadidos por imigrantes expulsos de suas terras?

Territórios da alma perdida entre mundos gerados na psique? Por se tratar de um tema tão amplo, vou falar do meu território invadido. Vivo nele. É onde deixarei meu nome enterrado. É o local em que sou quem sou, livre como ninguém pode ser. Território da arte/ativista/política. Quão irreal é uma série de imagens figurativas, pintadas com tinta acrílica sobre algodão cru, no mês de março de 2018. São narrativas contemporâneas de um dia desta vida. Além de máscaras e retratos destacam-se alguns elementos que habitam as imagens, como: árvores secas, árvores brancas e contextos específicos, símbolos matemáticos e nuvens.

Nuvem é o que se acumula no céu para precipitar em forma de água ou gelo. Porém, também nomeia o domínio de informações virtuais. O que se guarda nas nuvens? A qual céu pertencem estas nuvens virtuais? Fazem chover

informações, gelo, pedras, ou apenas violência? E quanto às árvores brancas, o que representam nestas imagens? Rede? Madeira? Raízes? São capazes de quais mensagens? Já as árvores secas, ainda fixadas no chão demonstram como são sugadas pelo capitalismo...

Símbolos matemáticos, numéricos impõem uma pressão sobre algumas figuras da imagem. Pinturas para se refletir sobre o contemporâneo e a atual luta de poderes e saberes, onde o povo está no meio sendo, ideologicamente, arremessado de um lado para o outro sem estrutura para discernir sobre seus próprios valores e territórios.



SUPLEMENTO ACRE

novembro | dezembro 2019 – OP_MG

OBRIGADO PELA LEITURA



facebook.com/ameopoema
ameopoemaeditora@gmail.com

editora artesanal
AMEOPOEMA

Bmr
studio gráfico
facebook.com/studiob2mr